

RESENHA

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (org.) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

Hugo de Araujo Gonçalves da Cunha

UERJ/Pós-Graduação em Estudos Literários

Há duas décadas, Peter Burke, professor emérito da Universidade de Cambridge, organizou um livro intitulado *New Perspectives on Historical Writing*, traduzido para o português no ano seguinte. Com a ambição de pôr em debate as principais correntes historiográficas da chamada “Nova História”, Burke reuniu artigos de historiadores renomados, e guardou para si o mister de escrever um dos artigos mais instigantes da obra, que mesmo após anos, ainda merece ser constantemente revisitado.

O texto de Peter Burke merece ser recuperado por colocar em questão o papel da narrativa dos acontecimentos na escrita da História. No decorrer dos últimos séculos, a importância do “acontecimento” transitou entre o papel principal e o pano de fundo dos livros de História. Todavia, após um longo período do século XX em que os “acontecimentos” tiveram um papel secundário para a historiografia, os historiadores passaram a recuperar e reinventar a narrativa.

O autor defende que mesmo historiadores com enfoques estruturais como Fernand Braudel não podem ignorar totalmente a narrativa. Para Burke, o problema não está na narrativa em si, mas no modelo narrativo usado pelos historiadores, que deve ser ampliado para abraçar tanto a descrição quanto sua análise estrutural. Para tanto, Peter Burke sugere que uma aproximação entre a escrita literária e a escrita histórica pode alcançar mais facilmente os objetivos dos historiadores.

Burke considera as críticas de Hayden White à historiografia, que se mantém à parte da teoria literária e continua a viver em um “realismo literário” característico do século XIX. No entanto, como defensor da ciência histórica, P. Burke compreende que a escrita da História não pode ser uma atividade meramente retórica ou estética. Assim sendo, nem todos os artifícios da escrita literária são adequados ao fazer científico do historiador, experiências literárias como o “fluxo de consciência” ou o “discurso inventado” devem ser evitadas.

Contudo, em termos gerais, a aproximação entre a literatura e a história pode ser inspiração para resolver três problemas comuns aos historiadores. Em primeiro lugar, conflitos e guerras civis podem tornar-se mais inteligíveis se a narrativa privilegiar a *heteroglossia*, de modo que o ponto de vista de mais de um narrador possa esclarecer as razões do conflito. Nesse ponto, Burke elogia a tentativa de Richard Price de entender conflitos no Suriname (*Alabi's World*, 1990), todavia, mesmo a narrativa de Price não deu conta de explicar estruturalmente seu objeto de estudo, como observou Hobsbawm. O livro de Price tem (e precisa ter) notas explicativas tão numerosas que quase igualam o número de páginas da narrativa.¹

Em segundo lugar, os historiadores profissionais já se convenceram de que não escrevem exatamente o que aconteceu no passado. Destarte, uma narrativa formalmente mais literária poderia conscientizar com mais facilidade o leitor desse fato. Entretanto, volta a ser necessário lembrar que o trabalho do historiador não pode ser reduzido a um exercício puramente retórico que interprete os textos e não os acontecimentos.

Para Burke, é importante conscientizar o leitor do caráter interpretativo da escrita da História e, para isso, métodos narrativos como a heteroglossia ou a periodização “de frente pra trás” podem influenciar a interpretação do leitor de modo a fazê-lo perceber o caráter parcial de todo trabalho historiográfico.

O terceiro problema abordado pelo autor é como elaborar uma “descrição densa” (na terminologia do antropólogo Clifford Geertz) o bastante para abranger os acontecimentos e a estrutura. Desde o começo do texto até esse ponto, fica claro que uma narrativa dos acontecimentos deve lidar com explicações estruturais que se relacionem com os fatos, e que sem a presença da estrutura o caráter historiográfico fica comprometido.

No entanto, embora Peter Burke defenda que uma narrativa literária pode ser a solução para esse problema, em momento nenhum ele afirma que é uma solução fácil. Embora haja diversos “romances históricos” capazes de relacionar acontecimentos e estrutura, ao contrário dos romancistas, os historiadores não podem criar livremente seus personagens ou sequer suas falas.

Aparentemente, para resolver a questão, “os historiadores teriam de desenvolver suas próprias ‘técnicas ficcionais’ para suas ‘obras factuais’” (p. 341) Entre essas técnicas estaria a “micronarrativa”, mas a redução da escala, por si só, não torna mais densa a descrição. Outros conceitos, como o de “herói medíocre”, de G. Lukács, podem auxiliar a passar a narrativa do

¹ HOBBSAWM, Eric. “Pós-modernismo na floresta”. In: HOBBSAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 212.

âmbito particular para o estrutural, embora essa tomada de conhecimento do coletivo através do particular gere a dificuldade de explicar para o leitor a diferença entre o tempo privado dos agentes da narrativa e do tempo público da sociedade a qual se busca elucidar.

Sob esse ponto de vista, o que Burke defende é que o estabelecimento da narrativa deve ultrapassar uma oposição binária entre acontecimento e estrutura e estabelecer aí uma relação dialética, onde acontecimento e estrutura expliquem-se mutuamente. Para o autor é necessário que a “nova história” adote essa perspectiva.

Em suma, Peter Burke, nesse instigante artigo, não apresenta nenhuma fórmula nova e infalível de escrever a história: ele não apresenta tampouco um método de como fazê-lo. Sua função parece ser a de estimular o historiador a tentar recriar a forma narrativa dentro dos trabalhos historiográficos. Desse modo, o que Peter Burke defende não é o “renascimento” de uma narrativa que nunca esteve morta, mas a sua regeneração.